

SAUDADES

Ao Il.^{mo} Sr. F. G. Braga.

Vai oh! meu saudoso canto
Dizer um nome – Saudade!
F. G. Braga

Recebe, ó Braga, o meu canto,
Que eu cá de longe t'envio;
São orvalhadas do pranto
Secas flores do estio;
É prova da lealdade
Duma constante amizade.

Recebe, que o pensamento
Tenho em Deus, na pátria, em ti;
Das privações no tormento
Do tempo, que te não vi:
São flores, dá-lhe cultura,
Dá-lhe o porvir da ventura.

No mar do mundo enganoso
Há procelas, há bonanças;
Procela, é quando saudoso
Vive um peito coas 'speranças;
Bonança, é quando amizade
Goza paz e f'licidade.

Sofri procela; meus olhos
Te não viram com ventura;
Soçobrei ante os escolhos
Da desgraça e desventura;
A dor ceifou da esperança
A flor que a saudade alcança.

Cruel ausência! que dias
Tão amargos não passei;
Que imenso mar d'alegrias →

Ter contigo não sonhei!
Tudo quimera, ilusão,
Bem sabia o coração!

Não viçavam minhas flores,
Era escuro o firmamento;
Não via nele os fulgores,
Só via meu sofrimento,
Só via pranto, saudade;
Era a pura realidade.

Saudade! bebi na taça
O fel amargo da dor;
Quis horrífica desgraça
Que te não visse, cantor;
Dei de rojo o corpo ao leito,
Sufoquei a dor no peito!

Adeus... não pode minh'alma
Entre suspiros cantar;
Minha dor somente acalma
Se ouvir teu doce trovar,
Que entre o fel, que o peito traga,
Um nome me adoça é – BRAGA. –

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1855.

J. M. M. de Assis

[*Marmota Fluminense*, 1º maio 1855. p. 4.]

Editores: Alex Sander Luiz Campos, Andressa S. Vieira, Felipe
A. Tavares, José Américo Miranda, Juliana Galvão Minas,
Marcelo Burmann, Rogério Soares e Sani Gomes.